

# **TRABALHOS COMPLETOS**

## **GT2: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ENSINO**

## **DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UMA EDUCAÇÃO LIVRE DE PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES: (DES)CONSTRUINDO O GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SALGUEIRO, PERNAMBUCO.**

Luiz Carlos Carvalho Siqueira, URCA.

### **O que vem antes?**

Optamos ao invés de chamar esse tópico de “Apresentação”, por “O que vem antes?”, no sentido de oferecer ao leitor uma visão prévia da constituição da problemática apresentada no título desse artigo. E nesse sentido, dizemos que o próprio título já trás consigo uma necessidade de explicação, não em termos de análises dos conceitos (nesse momento), mas de construção dele enquanto problemática. Ou seja, entender como a (des)construção do Gênero e a Orientação Sexual nas escolas públicas de Salgueiro – PE, tornou-se uma situação relevante no viés de uma pesquisa organizacional-educativa.

Desse modo, as reflexões que acompanham este artigo, nascem de uma pesquisa “(Re)Conhecendo os desafios e perspectivas da educação no Sertão Central pernambucano”, que vem sendo desenvolvido pelo Instituto Flor de Mandacaru (IFLOM)<sup>25</sup> objetivando, diagnosticar as tensões na educação escolar da cidade de Salgueiro, Pernambuco.

Desta forma, o título desse artigo trás em si uma referência de onde surgiu e pra onde quer ir. Portanto, nasce na referida Cidade conhecida como a “Rota do Desenvolvimento”, e enseja ir ao encontro da compreensão dos desafios e perspectivas de uma educação livre de preconceitos e discriminações. Surge do contato direto com educadores(as) da rede pública estadual promovido por reuniões no próprio ambiente escolar, e através de observações simples, uma vez que, permite alcançar dados para a definição do problema da pesquisa (GIL, 1999).

É oportuno dizer que, a pesquisa promovida pelo IFLOM, apesar de identificar a relevância dos aspectos quantitativos dessa pesquisa, foi realizada reflexões centradas em uma perspectiva qualitativa, procurando problematizar questões que, nem sempre, são expressivas numericamente. (GOLDENBERG, 1997)

Portanto, a pesquisa foi realizada com docentes que se dispuseram a narrar sobre a seguinte questão “Qual foi a sua maior dificuldade na sala de aula, hoje?”. Deste modo, os

---

<sup>25</sup> O IFLOM é uma sociedade civil de direito privado, de natureza filantrópica, caritativa, beneficente, sem fins lucrativos, que tem como missão desenvolver atividades diversas, sobretudo, no campo da Educação (formal, não formal e difusa).

professores das disciplinas de Geografia, História, Português, e Matemática, do Ensino Fundamental II, e Biologia, História, Português, Matemática, Sociologia, no Ensino Médio, de três escolas da rede pública estadual. Como pode ser analisado na Tabela 1.

Completando, deste modo, 32 docentes de 12 disciplinas em 6 escolas públicas estaduais, e 3 níveis de ensino, que responderam a seguinte questão: “Qual foi sua maior dificuldade na sala de aula, hoje?”. Esse “hoje” foi reforçado por “Nesse momento.”, “Nessa ocasião em que você se encontra em transito, em meio a salas de aula diferentes.”. Essa pergunta foi retomada várias vezes no período de um mês de observação entre os meses de novembro e dezembro de 2010, por um dos pesquisadores do IFLOM.

**Tabela 1: Distribuição por número de professores segundo declaração da disciplina ministrada, nível de ensino.**

Disciplina	Número de Professores	Nível de Ensino
Português	5	Ensino Fundamental I e II
Educação Física	2	Ensino Fundamental II
Geografia	4	Ensino Fundamental II
História	3	Ensino Fundamental II
Matemática	2	Ensino Fundamental II
Biologia	3	Ensino Médio
Educação Física	1	Ensino Médio
Física	1	Ensino Médio
História	3	Ensino Médio
Matemática	1	Ensino Médio
Geografia	2	Ensino Médio
Português	5	Ensino Médio
Sociologia	1	Ensino Médio

FONTE: Pesquisa (Re)Conhecendo os desafios e perspectivas da educação no Sertão Central pernambucano. IFLOM, 2011.

Foi perguntado aos docentes: “Que/quais matéria(s) você ensina? E em que/quais nível(is) de ensino?”.

Ocorreu que, 1 (uma) professora e 2 professores declararam lecionar mais de uma matéria e em níveis diferentes. Assim, nossa contagem remonta um cenário onde tem uma disciplina um professor. Consideramos que, de forma alguma este fato, comprometeria nossa pesquisa. Uma vez que, nossos ensejos permanecem pautados nas experiências da sala de aula, identificando as dificuldades encontradas por esses docentes.

Devemos situar, nesse momento, que, não estamos fazendo análises a prática pedagógica desses docentes – embora compreendendo que seria oportuno. Mas, o que interessa nesse instante está residindo no que se faz através dessas práticas. Contudo, essa questão será melhor explicada adiante, no segundo tópico desse artigo.

Assim, as repostas sobre as dificuldades encontradas naquele momento, tiveram uma recorrência maior em situações pautadas em tensões existentes de aspectos onde ou tangenciavam as relações de gênero e de sexualidade dos(as) alunos(as) e mesmo dos docentes entre si, ou evidenciaram-se em si mesma as tensões existentes.

Esse último caso, onde essas tensões se evidenciam em si, pode ser facilmente percebido através do relato de uma professora<sup>26</sup>, ela conta: *“Minha dificuldade, hoje? É a dificuldade de sempre! Eu que não sei mesmo. (fala ofegante) Como trabalhar em uma sala de aula em que tem um garoto que quer ser uma mulher? Toda vez que faço a chamada ele ‘solta a franga’ (o aluno age de forma extravagante e feminina) e diz que o nome dele é outro(...)”* Ela (a professora) continua: *“Ele quer que eu o chame por um nome de mulher. E todos os alunos começam a rir... Acho que ele faz isso pra me irritar, tirar minha paciência.”*

Explicitado anteriormente, de forma tangenciada, as tensões nas relações de Gênero e de Sexualidade estão dois acontecimentos-chave de onde nasce a proposta de análises dos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições escolares da cidade de Salgueiro, no sentido de compreender a concepção da educação das instituições escolares da rede pública.

Podemos observar o primeiro desses momentos de tensão, na resposta de um professor de Educação Física, ao declarar: *“É, já tinha até me esquecido que eu tenho dificuldade, além de materiais para as atividades físicas... Mas, é só dá aula naquela sala (faz referência a uma turma do Ensino Fundamental II) e já começo a me preocupar.”*. Diz ele: *“Sempre que vou começar as aulas práticas de Educação Física, tento fazer com que uma aluna dessa sala, vá jogar com as outras meninas. Mas acha que ela vai? Não! As vezes eu deixo ela jogar com os meninos, mas tenho medo que eles a machuque.”*. Ele (o professor) continua. *“Já disse mil vezes para essa aluna meninas jogam daquele lado, meninos do outro (...), já pensei em chamar os pais dela pra dizer isso a eles, não sei se deixo ou não ela fazer atividade com os meninos, isso quem vai teria que me dizer são eles (os pais da aluna).”*

O outro acontecimento-chave se deu no relato de uma professora de Biologia que afirma ter dificuldades em falar de sexualidade, ela diz: *“Tenho dificuldade de falar de sexualidade, acho isso muito reservado, íntimo. Dai, tentei contornar a situação passando um*

---

<sup>26</sup> Optamos em identificar as falas apenas pelo sexo (professor/professora) e disciplina que o mesmo ministrou durante o relato. Exemplo: Professor de Música; Professora de Matemática. Uma vez que foi acordado com nossos(as) interlocutores(as) que não seriam identificados as suas escolas. E como não era nosso objetivo, ou seja, fazer considerações acerca dessas escolas, considerou-se o não comprometimento o desenvolvimento real dessa pesquisa.

*trabalho só pra eles me entregarem, para não ter que falar sobre esse assunto. Foi pior! Marquei pra entregar hoje e os alunos chegaram cheios de dúvidas.”* Continua falando preocupada (a Professora). *“E a repercussão dessa atividade, junto às famílias? Não quero que chegue nenhum pai ou mãe aqui querendo tirar satisfações. Se isso acontecer, não sei nem o que dizer!”*. Ela (a Professora) declara, se recusar a discutir um dos conteúdos sobre sexualidade, a homossexualidade. Diz: *“Quando o assunto do trabalhado foi orientação sexual. E quando no sorteio, um grupo de ‘meninos’ acabou ficando com esse tema (homossexualidade) já foram logo dizendo que isso ia ‘pegar mal’ pra eles. Se recusaram a ter que pesquisar sobre homossexualidade. Ninguém quis!”* conclui expondo a solução tomada por ela. *“Então, cuidei de tirar esse tema da relação dos assuntos a ser pesquisado e realoquei-os em outros grupos.”* (Professora de Biologia)

O segundo tópico desse artigo poderia começar nesse momento, na análise das representações presentes nesses discursos, contudo, essa perspectiva será fruto de um estudo bem mais amplo. E que até essa ocasião se faz cuidadosamente em outro trabalho, que tem como base as discussões contemporâneas sobre,

Um novo movimento político e teórico que se pôs em ação, nas últimas décadas, e nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas. Assumindo a perspectiva de constituição de diferenças e identidades de gênero e sexuais e, mais especificamente, as formas como esse processo vêm se expressando no campo do currículo. (LOURO, 2002)

Ou seja, compreender a representação de gênero fluido e “das sexualidades” à luz da Teoria *Queer*<sup>27</sup>, ou seja compreender quais as implicações da “noção singular de gênero e sexualidade” que decorre “vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas”. Essas questões remontam a perspectiva que mesmo se admitindo a presença de,

“muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico.” (*ibidem*, 2002)

---

<sup>27</sup> “A partir da Teoria Queer podemos pensar em uma política e numa teoria pós-identitária não voltada exclusivamente para as condições de vida de homens e mulheres homossexuais, mas que tenha ‘como alvo fundamental a crítica da oposição heterossexual/homossexual onipresente na sociedade, a crítica da oposição que, segundo sua análise, organiza as práticas sociais, as instituições, o conhecimento, as relações entre os sujeitos’”. (LOURO *apud* COLLING, 2008. p. 8)  
Campina Grande, ISSN 2177-4781 Vol. 2, REALIZE Editora, 2011

Nesse sentido dizemos, que estas representações<sup>28</sup> devem ser frutos de uma observação atenta, como expusemos no início deste, essas questões subsidiaram a construção da nossa problemática que se montava durante os relatos dos(as) professores(as).

### **Agora é a vez da escola!**

Esse tópico foi chamado de “Agora é a vez da escola?”, pois, é nesse momento que considera a instituição escolar como protagonista da pesquisa.

Assim, à medida que, nos perguntávamos: O que os depoimentos dados pelos(as) professores(as) a essa pesquisa, indicam? Quais os reflexos dessas desses depoimentos nos ambientes escolares? Quais são as “demandas” percebidas pelas escolas? Como as escolas percebem as questões de Gênero e Sexualidade, e o que fazem em relação a elas? Que tipo de educação permeiam as instituições educativas? E, focando nas questões de Gênero e de Sexualidade, que se tornará recorrente nos relatos dos(as) professores(as) “Como as escolas públicas do município de Salgueiro - PE, buscam a garantia da igualdade de tratamento e respeito às diferenças?”.

Percebemos que toda essa “sabatinação” de perguntas nos remetia a compreensão do(s) modelo(s) de educação e ação pedagógica “oferecida” pela instituição escolar, ou seja, essas considerações emergiriam da proposta da gestão (se democrática) escolar. E nesse sentido, escolhemos de início trabalhar em examinando os Projetos Político Pedagógicos das escolas públicas estaduais, uma vez que, esse é um documento onde *a priori*, se configura como ferramenta de planejamento e avaliação das escolas, onde todos os membros das equipes gestoras e pedagógicas se apoiam, e devem refletir sobre as determinações nelas contidas.

Assim, Veiga (1995) assinala que, um projeto político pedagógico – PPP, extrapola a dimensão de uma proposta pedagógica. É uma “ação intencional”, com um sentido claro, com um compromisso determinado pela coletividade, ou seja, pela comunidade escolar. Dessa forma, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sócio-político e com os interesses reais e coletivos.

Desse modo, acreditando na ação intencional dos PPP’s, foi solicitação aos mesmos professores que nos concederam os depoimentos, que nos encaminhassem (se possível) uma

---

<sup>28</sup> Conforme Abric (1998), as representações sociais funcionam, portanto, como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com meio físico e social, determinando seus comportamentos e práticas.

cópia do PPP da instituição em que lecionavam, mediante a solicitação formal às escolas através de seus e-mails.

Dessa forma, das onze escolas estaduais existente no município oito tivemos como respostas, dessas seis escolas não apresentam atividades, apenas duas apresentaram atividade que fossem relacionadas a uma perspectiva de debate sobre Gênero, contudo exclusivamente voltadas à concepção natural do gênero, ou seja, acerca de aspectos biológicos, com tema: “Gravidez na Adolescência”, e a sexualidade é entendida como: “Sexo Seguro na Prevenção de DST’S e AIDS”.

Ainda sobre perspectiva de discutir os PPP’S escolares esta sendo desenvolvida sob o aspecto metodológico de entrevistas semiestruturadas com as coordenações pedagógicas das onze escolas, afim de compreender mais precisamente os questionamentos evocados a partir, das duas etapas expostas anteriormente. Onde alguns resultados já parecem ser recorrentes.

Desta forma, objetivando a compreensão sobre o modo que as escolas públicas desse município têm procurado promover a garantia da igualdade de tratamento e respeito às diferenças. Assim, os depoimentos descritos abaixo ilustram de modo explícito dois vieses de encargo e responsabilidades no planejamento de atividades que objetivassem essa promoção, propiciando a compreensão dos modos e das principais dificuldades encontradas pelas escolas no desenvolvimento dessas atividades.

Advertem 3 (três) coordenadoras pedagógicas de três escolas localizadas no centro do município de Salgueiro, “*são atividades de responsabilidade do professor*” acentuando uma postura de certeza no ofício e responsabilidade unicamente do docente, Uma coordenadora pedagógica dessa localidade, assevera que: “*A gestão e coordenação escolar deve-se ater a outras preocupações.*”.

Outras duas coordenadoras pedagógicas de escolas na área urbana desse município, também aceitaram a postura do desenvolvimento de atividades na perspectiva de imanência dos docentes, e dizem: “*Seriam até desenvolvidas (...) mas isso terá que partir da vontade dos professores a realização dessas atividades.*”.

De forma geral esses depoimentos, configuram um indicativo de preocupação sobre a temática aqui problematizada, mas que as atividades ficam a cargo dos ensejos excepcionais do(a) professor(a), de forma autônoma.

Por outro lado, as (duas) coordenadoras pedagógicas das escolas em que foram identificadas atividades que declaravam discutir sobre Gênero e Sexualidade quando perguntadas sobre “Como ela percebia que essa escola, tem buscado promover a garantia da

igualdade de tratamento e respeito às diferenças?”, as duas declaram: “A gente tem buscado discutir as atividades tendo como base as propostas dos PCN’S.”. Contudo, o depoimento de uma das coordenadoras vai mais além. Completa, a coordenação de uma escola localizada no centro, “*Temos visto o que tem sido realizado com sucesso, por outras escolas e trazido pra discutir aqui se nós acharmos que seria interessante, a gente faz a proposta aos professores, todos aprovando, prosseguimos.*”. Essa mesma coordenadora diz: “*Da mesma forma são as propostas que partem dos professores, até as propostas que vem do Governo do Estado, debatemos e avaliamos a viabilidade.*”.

Esse último depoimento foi dado pela coordenadora pedagógica da escola que executou o projeto sobre “Sexo seguro na prevenção das DST’S e AIDS”, tinha como base uma proposta de atividade pelo Governo do Estado de Pernambuco, através da Secretaria de Educação.

Discorrendo, em termos didáticos, as considerações das sete coordenações ouvidas de sete escolas, as principais atividades são desenvolvidas através das práticas pedagógicas, articuladas ao propósito de compreensão do gênero e sexualidade muitas vezes são improvisadas em uma atividade pontual de disciplinas específicas, não perpassam as variações dos sentidos multidisciplinares dos termos “Gênero” e “Sexualidade” e estes sempre estão relacionados ao “Sexo”, como categoria biológica e por isso fixa, imutável.

Assim, a compreensão do gênero e da sexualidade como categoria social, se faz presente no sexo biológico. Retomando assim, questões decorrentes nas falas dos(as) interlocutores(as) por exemplo, das perspectivas do gênero correlato ao sexo cromossômico, sexo gonadal, sexo genital. É bem verdade que também esteve presente nesses contextos, porém de forma acanhada, a concepção do sexo social e psicológico.

Diante dessas exposições sistematizadas até agora, apresentados as respostas sobre o segundo ponto importante das entrevistas semiestruturadas com as coordenadoras das escolas públicas da rede estadual. Sobre as atividades e dificuldades que a escola encontra para desenvolver a garantia da igualdade de tratamento e respeito às diferenças.

De forma geral, percebemos que quando a escola se propõe a discutir sobre esses temas, vê-se diante de um assunto amalgamado por vários “tabus” e dificuldades estruturais como de fonte didática direciona a níveis de ensino específicos. Contudo, devemos ressaltar que a forma encontrada para contornar essas carências, por uma das instituições educativas, foi ter como instrumento para discussões os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sobretudo, o livro sobre os Temas Transversais.

### **Considerações finais**

A perspectiva aqui apontada conduz-nos a reflexões sobre os ambientes escolares com base e fortemente marcadas pela tendência em empregar o termo “gênero” como lembra Juan Scott (2002) relacionado à mulher enquanto, “categoria social fixa, uma entidade separada, um fenômeno conhecido – (...) pessoas biologicamente femininas que se moviam de dentro para fora de contextos e papéis diferente cujas experiências mudavam mas a essência - como mulher – não se alterava.”. (p.82)

Adverte Louro (2002) a presença de “uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas.” E o desafio que o conceito de gênero coloca para a educação escolar está na tarefa questionar sobre as formas de apreensão do gênero e da Sexualidade presentes no contexto educacional, e assim deve-se explorar, para que dessa forma torne-se um instrumento favorável à construção de uma sociedade com relações mais equitativas no que se alude às mulheres e aos homens, enquanto “sujeitos históricos” de igual valor no processo de formação de sujeitos cidadãos e constituintes das sociedades.

Ressaltar os significados variáveis e contraditórios atribuídos das diferença sexual, “aos processos políticos” por meio dos quais esses significados são construídos, a fluidez e flexibilidade das categorias “mulheres” e “homens”, e as maneiras as quais essas categorias se articulam, uma em menção a outra, apesar da “maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento” (SCOTT, 1994, p. 26).

Dessa forma, é possível concluir que as escolas pesquisadas não possuem atividades, e nem projetos de combate a preconceitos e discriminações de “Gênero e Orientação Sexual” no ambiente educacional.

Essas reflexões poderiam ser, sobretudo, um dos vieses principais para a missão das instituições escolares da cidade, uma vez que, percebemos nos projetos políticos pedagógicos dessas escolas a recorrência da presença (re)afirmante de “promoção de uma educação pautada na perspectiva de uma sociedade democrática”.

### **REFERÊNCIAS**

ABRIC, J.C. *A abordagem estrutural das Representações sociais*. In: Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: Ed. AB, 1998.

**VII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**  
**III Simpósio Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura**  
*Rumos dos Estudos de Gênero e Sexualidades na Agenda Contemporânea*

COLLING, L. 2007. Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a cultura. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em [www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf). Acessado 25 de out. de 2010.

COLLING, L. 2008. Aquenda a metodologia! Uma proposta a partir da análise de avental todo sujo de ovo. Trabalho apresentado no IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 28 a 30 de maio de 2008, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em [www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf). Acessado 25 de out. de 2010.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. Ed. São Paulo: Atlas. 1999.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Ed Record, 1997.

LOURO, G. L. *Currículo, Gênero E Sexualidade — Refletindo sobre o "Normal", o "Diferente" e o "Excêntrico"*. Labrys, Estudos feministas – N° 1-2, julho/ dezembro 2002. Disponível em: [http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1\\_2/guacira1.html](http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/guacira1.html). Acessado 4 de dez. de 2010.

SCOTT, J. Preface a gender and politics of history. Cadernos Pagu, n°. 3, Campinas/SP 1994. \_\_\_\_\_ . História das mulheres. In. BURKE, Peter.(Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp. 1992

VEIGA, I. P. A.(org). *Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus, 1995.

## **DIVERSIDADES: O DIFERENTE TAMBÉM É NORMAL**

**José Roberto Moraes dos Santos**  
**Graduando em pedagogia pela UEPB**

**Verônica Melo de Figueirêdo**  
**Graduanda em pedagogia pela UEPB**

### **INTRODUÇÃO**

O Artigo desenvolvido tem como objetivo analisar a rotina de uma determinada escola municipal da zona urbana do município de Campina Grande – PB, focando principalmente a questão do gênero presente nessa instituição de ensino.

Muitas são as questões que permeiam a educação, no que tange às práticas educativas. Sabe-se que institucionalmente, muitas das práticas têm seu processo desvinculado dos contextos em que as mesmas ocorrem. Há uma notada importância dispensada à grade curricular, a qual prioriza a transmissão de conteúdos em seqüência pré-determinada, muitas vezes obrigatória, constituindo fim último de um processo educativo caracterizado por uma participação limitada e sem reflexão do educando.

A construção de conhecimentos exige, por si só, uma postura de busca, de apropriação do saber, para que haja transformação. No entanto, para atender a este pré-requisito, é necessário aos educandos atingir o que caracteriza o foco principal das atividades lúdicas, ou seja, que atuem de forma dinâmica, criativa, prazerosa em oposição a posturas mecanicistas (submissão, reprodução, apatia para aprender) que pararam no tempo das pedagogias tradicionais. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se reconstrói a posição da “normalidade” e a “posição da diferença”, e os significados que lhes são atribuídos.

Este estudo inicia-se com uma breve história da instituição escolar, desde o período Jesuítico até os tempos atuais.

## **BREVE HISTÓRICO SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES**

Segundo Nascimento (2005, p.8), os estudos e a fundação dos primeiros colégios iniciam-se com a chegada dos jesuítas ao Brasil, no período de 20 anos. A primeira escola oficial no país foi fundada em 1550, intitulada Colégio dos Meninos de Jesus, e seguia os modelos educacionais de Lisboa. Os documentos constataam que sete meninos órfãos foram trazidos pela missão, para estudar nessa primeira instituição educacional.

De Salvador, a obra dos jesuítas seguiu para o Sul. No ano de 1554, o Padre Manoel da Nóbrega, ajudou a fundar, em 25 de janeiro, o terceiro colégio jesuíta do Brasil, em Piratininga. Cerca de 15 anos depois, a Companhia estava formada por cinco escolas de instrução elementar, localizadas em: Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga; seguidos de três colégios, um localizado no Rio de Janeiro, outro em Pernambuco e um na Bahia.

A criação dos colégios jesuíticos passou por diversas formas de organização. A primeira foi a dos colégios tipo residências, destinados aos meninos que seriam os futuros jesuítas. A segunda é quando surgiram os colégios docentes para jesuítas. Na terceira, esses colégios para docentes somente admitiam alunos seculares, tendo como professores os jesuítas.

Os colégios próprios, só para jesuítas, os colégios para externos e também os seminários para o clero secular foram três iniciativas que surgiram desde cedo, para atender às necessidades da igreja e da Companhia. Quanto às universidades próprias, elas entraram um pouco mais tarde na cogitação de Santo Inácio e da Companhia. (SCHMITZ, 1994, p. 56)

Toda ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento, contra o pensamento crítico. O ensinamento proposto pelos jesuítas era alheio ao interesse da Colônia. Se analisarmos a educação deve ser a finalidade de possibilitar as crianças atividades mais criativas.

A educação é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve a condição humana, com todos os seus poderes funcionando com harmonia e completa, em relação à natureza e à sociedade. Além do mais, era o mesmo processo pelo qual a humanidade, como um todo, se elevando do plano animal e continuaria a se desenvolver até sua condição atual. Implica tanto a evolução individual quanto a universal (FROEBEL, 2001, p.68).